

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

FÁBIO PEREIRA ROSA

O discurso e as relações de poder em **O Alienista**, de Machado de Assis

São Paulo

2015

FÁBIO PEREIRA ROSA

O discurso e as relações de poder em **O Alienista**, de Machado de Assis

Trabalho temático apresentado para
as disciplinas do 1º semestre do curso de
Biblioteconomia e Ciência da Informação.

São Paulo

2015

FÁBIO PEREIRA ROSA

O discurso e as relações de poder em **O Alienista**, de Machado de Assis

Trabalho temático apresentado para as disciplinas do 1º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Banca examinadora

Prof. Mestre Anna Sílvia de Rosal de Rosal

Assinatura _____

Prof.^a Doutora Carla Regina Mota Alonso Diéguez

Assinatura _____

Prof.^a Mestranda Daniele Cristina Gonçalves Brene

Assinatura _____

Prof.^a Especialista Evanda Verri Paulino

Assinatura _____

Prof. Especialista Henrique Mariano Coimbra Ferreira

Assinatura _____

Prof. Pós-Doutorado Ivan Russeff

Assinatura _____

Prof.^a Especialista Maria Rosa Crespo

Assinatura _____

Data de aprovação

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 5 |
| 2 | DISCURSO E RELAÇÕES DE PODER..... | 6 |
| 2.1 | DISCURSO..... | 6 |
| 2.2 | AS RELAÇÕES DE PODER..... | 6 |
| 3 | ANÁLISE DO DISCURSO NA OBRA..... | 8 |
| 3.1 | ANÁLISE DA NARRATIVA..... | 8 |
| 3.4 | AS RELAÇÕES DE PODER..... | 10 |
| 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 15 |
| | REFERÊNCIAS | |

Resumo: Este trabalho analisa a obra O Alienista de Machado de Assis, do ponto de vista das relações de poder sob o viés, em especial, da obra do filósofo Michel Foucault. Busca especialmente estabelecer, no nível do discurso, as relações entre o saber científico e o poder, verificar o uso que este pode fazer daquele enquanto mecanismo de poder, suas estratégias e consequências. Trata, ainda de estabelecer conexões entre a produção da verdade e a legitimação do poder.

Palavras-chave: relações de poder. saber científico. Foucault. discurso

Abstract: This paper analyzes the masterpiece O Alienista by Machado de Assis, from the point of view of power relations, especially under the bias of the philosopher Michel Foucault. It searches specifically to establish the level of discourse, the relationship between scientific knowledge and the power, checks the use this can do of that as a mechanism of power, its strategies and implications. It also establishes connections between the production of truth and the legitimacy of power.

Keywords: power relations. scientific knowledge. Foucault. Discourse

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho buscamos analisar a obra O Alienista, de Machado de Assis, sob a ótica das relações de poder encontradas no nível do discurso. Este, sob o ponto de vista da linguística, é um conjunto de enunciados com viés ideológico, o qual pode ser identificado através da análise do discurso – sobretudo a da escola francesa, fundada por Michel Pêcheux (1938-1983). (CESARIO; ALMEIDA, 2010, p.1).

A linha de investigação utilizada se baseia em especial no trabalho do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), que pesquisou profundamente as relações de poder na sociedade por meio do que ele chamou de "experiências fundamentais: a da loucura, a da prisão, a da sexualidade" (FOUCAULT, 2006, p. VIII) e a forma como esse poder é exercido, os mecanismos e estratégias desse poder e suas implicações.

Nosso objeto de estudo traz diversos elementos a respeito desse tema e por toda a narrativa encontramos exemplos de relações de poder, sejam do ponto de vista político, sejam de cunho científico, sejam na relação entre religião e ciência.

O trabalho foi estruturado com uma breve introdução teórica acerca do discurso e das relações de poder sob a ótica presente na obra de Foucault com o objetivo de familiarizar o leitor com o tema proposto. Em seguida, passamos à análise propriamente dita, primeiramente da narrativa em si, e a seguir das relações de poder encontradas nos diversos discursos (políticos, religiosos, científicos).

2 DISCURSO E RELAÇÕES DE PODER

2.1 DISCURSO

Uma das linhas de análise do discurso em que podemos nos basear é a da escola francesa, fundada por Michel Pêcheux (1938-1983). Para esse pesquisador, ideologia e discurso estão intrinsecamente relacionados, "pelo seu engajamento político e sua adesão à ideia de que não existe discurso ingênuo do ponto de vista ideológico, mesmo quando se trata do discurso científico [...]". (CESÁRIO; ALMEIDA, 2010, p. 4). Da mesma maneira, Eagleton (1997, p. 172) se pronuncia a respeito da ideologia como "um conjunto particular de efeitos" (traços discursivos) que se encontram dentro dos discursos, efeitos esses produzidos com determinado fim, como por exemplo a exclusão de "certas formas de significação" em detrimento de outras, sempre visando uma forma de poder. Análise do discurso, portanto, é tentar buscar o viés ideológico dentro do discurso.

2.2 AS RELAÇÕES DE PODER

O filósofo francês Michel Foucault fez das relações de poder o principal objeto de suas pesquisas. Embora não tenha escrito um livro tratando especificamente do tema, este é analisado exaustivamente em toda sua obra, em campos como a sexualidade, a prisão e a loucura. (FOUCAULT, 2006, p. VIII).

Para Foucault, a verdade não existe fora do poder ou sem poder.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que

são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2011, p. 12).

A partir disso, desenvolveu uma hipótese a respeito da verdade, não como algo a ser encontrado, constatado, e sim produzido como mecanismo de poder, de dominação e controle.

Podemos então supor na nossa civilização e ao longo dos séculos a existência de toda uma tecnologia da verdade que foi pouco a pouco sendo desqualificada, recoberta e expulsa pela prática científica e pelo discurso filosófico. A verdade aí não é aquilo que é, mas aquilo que se dá: acontecimento. **Ela não é encontrada mas sim suscitada: produção em vez de apofântica.** Ela não se dá por mediação de instrumentos, mas sim provocada por rituais, atraída por meio de ardis, apanhada segundo ocasiões: estratégia e não método. Deste acontecimento que assim se produz impressionando aquele que o buscava, a relação não é do objeto ao sujeito de conhecimento. É uma relação ambígua, reversível, que luta belicosamente por controle, dominação e vitória: **uma relação de poder.** (FOUCAULT, 2011, p. 114-5, grifos nossos).

Tal procedimento de "produção da verdade" esteve presente em diversas práticas, entre elas a medicina. Como nos informa Foucault, entre 1760 e 1860 o hospital era um "espaço de conhecimento ou um lugar de prova" da doença, ou seja, um lugar onde se descobriam os males mas também se produziam os mesmos, o que passou a mudar após a revolução provocada pela microbiologia de Pasteur. (FOUCAULT, 2011, p. 119).

A alteração no status do hospital significou também uma mudança sensível no poder que os médicos tinham sobre os doentes. Antes tidos como autoridades supremas ao "produzir" a verdade da doença, agora, além de terem de se submeter a uma verdade constatável, ainda foram desmascarados (em sua ignorância) como propagadores do mal, indo de leito em leito examinando os doentes sem qualquer proteção (FOUCAULT, 2011, p. 120)

Podemos estender essas constatações para a situação dos hospícios, seus médicos e internos no século XIX. O poder do psiquiatra era imenso; sua autoridade em "produzir" a doença mental, inquestionável. Como diz Foucault:

O grande médico do asilo [...] é ao mesmo tempo aquele que pode dizer a

verdade da doença pelo saber que dela tem, e aquele que pode produzir a doença em sua verdade e submetê-la, na realidade, pelo poder que sua vontade exerce sobre o próprio doente. Todas as técnicas ou procedimentos efetuados no asilo do século XIX [...] tinham por função fazer do personagem do médico o "mestre da loucura"; aquele que a faz se manifestar em sua verdade quando ela se esconde, quando permanece soterrada e silenciosa, e aquele que a domina, a acalma e a absorve depois de a ter sabiamente desencadeado. (FOUCAULT, 2011, p. 122-3)

De acordo com Foucault, essa situação passa a mudar quando tem início, no fim do século XIX, um movimento antipsiquiátrico que começa a se estabelecer a partir do momento em que se desconfiou, e depois se confirmou, que Charcot, psiquiatra francês, produzia a crise de histeria que descrevia, legítimo exemplo da verdade/prova, a verdade que é criada pelo médico. A partir daí procurou-se "despsiquiatrizar" o asilo, tentando a princípio não tanto anular o poder do médico, mas diminuí-lo, ao se buscar um saber mais exato, de constatação da doença em vez de sua produção. (FOUCAULT, 2011, 122-3).

É esse ambiente de extremo poder relacionado ao saber que encontramos na obra *O Alienista*, de Machado de Assis.

3 ANÁLISE DO DISCURSO NA OBRA

3.1 ANÁLISE DA NARRATIVA

A narrativa trata de um médico, Simão Bacamarte, natural de Itaguaí, que tendo estudado em Coimbra e Pádua retorna coberto de glórias a sua terra natal disposto a se dedicar à ciência. Rapidamente percebe a lacuna que havia nos estudos acerca da mente humana, a psique, as patologias cerebrais e resolve percorrer esse caminho, com o intuito de desvendar as causas e o remédio universal para o fenômeno da loucura.

Podemos dividir a narrativa em três fases:

1ª Em um primeiro momento, o alienista – que havia construído uma "casa de orates", a Casa Verde, com o objetivo de poder estudar detidamente os dementes – recolhe

os loucos ditos "tradicionais", aqueles que poderiam incorrer em riscos a si mesmos e à sociedade, se deixados soltos. Nas palavras de Foucault:

Quando no começo do século XIX foram instaladas as grandes estruturas asilares, estas eram justificadas pela maravilhosa harmonia entre as exigências da ordem social que pedia proteção contra a desordem dos loucos, e as necessidades da terapêutica, que pediam o isolamento dos doentes. (FOUCAULT, 126).

Após um período de estudos e reflexão, Simão Bacamarte desenvolve sua primeira teoria, afirmando que "a razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia, e só insânia". (ASSIS, 1998, p. 286). Dando início à segunda fase da narrativa.

2ª A partir daí o alienista passa a prender toda e qualquer pessoa que apresente qualquer indício de desequilíbrio mental.

Daí em diante foi uma coleta desenfreada. Um homem não podia dar nascença ou curso à mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura. [...] Se um homem era avaro ou pródigo ia do mesmo modo para a Casa Verde. (ASSIS, 1998, 312-3)

Após mais um período de reflexão, o alienista desenvolve sua segunda teoria. Teoria oposta à anterior, "e portanto que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades, e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto". (ASSIS, 1998, p. 315). Temos então a terceira fase da narrativa.

3ª Nesta fase da história, o alienista põe na rua todos os internos da Casa Verde, e recolhe apenas aqueles em perfeito equilíbrio, resultando então em uma quantidade bem menor de encarcerados. Seu objetivo, então, é "curá-los" dessa patologia que era a perfeição moral, atacando as melhores qualidades desse loucos. Os modestos seriam atingidos em sua vaidade, os honestos com tentação pecuniária e assim por diante.

Chegamos então ao momento clímax da narrativa. O alienista, tendo curado todos os doentes, chega à suspeita de que na verdade não os curou. Os defeitos que conseguiu desenvolver nos doentes já poderiam estar latentes. Então ainda precisava encontrar

um objeto de estudo que pudesse legitimar sua teoria. E após bastante cogitar, chega à conclusão de que reunia em si mesmo "as características do perfeito equilíbrio mental e moral". (ASSIS, 1998, p. 326). Após a confirmação de seus amigos íntimos, decide então internar-se ele mesmo na Casa Verde com o intuito de se estudar e curar. "Reúno em mim mesmo a teoria e a prática". (ASSIS, 1998, p. 327).

Em vão, pois após dezessete meses morreu, sem encontrar a cura.

3.2 AS RELAÇÕES DE PODER

As relações de poder se manifestam na obra de diversas maneiras. Há as disputas políticas, os embates entre religião e ciência e os efeitos de verdade que o saber científico podia impingir à sociedade.

a) Ciência x religião

Encontramos um embate particular que, embora sutil, é de relevância na análise das disputas de poder presentes na obra. Em diversos momentos o Dr. Simão Bacamarte e o padre Lopes se enfrentam interpondo a ciência que um representa e a religião que o outro simboliza.

Percebemos um gradativo aumento no desacordo, que vai culminar na ruptura intelectual entre os dois contendores.

Na página 276, a primeira referência a esse embate surge na atitude do alienista quanto ao uso de uma citação de origem muçulmana no frontispício da Casa Verde. "[...] mas como tinha medo ao vigário, e por tabela ao bispo, atribuiu o pensamento a Benedito VIII". (ASSIS, 1998). Notamos que, neste momento, o cientista demonstra extremos respeito (medo) pelo religioso.

Já na página 278, em que ambos discutem o fato de que "um rapaz bronco e vilão, que todos os dias, depois do almoço fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego e latim", (ASSIS, 1998) o vigário comenta que "Quanto a mim, [...] só se pode explicar pela confusão das línguas na torre de Babel, segundo nos conta a Escritura", (ASSIS, 1998) ao que o alienista responde que "Essa pode ser, com efeito, a explicação divina do fenômeno, [...] mas não é impossível que haja também alguma razão humana, e puramente científica, e disso trato...". (ASSIS, 1998). O padre termina o diálogo

dizendo que "Vá que seja, e fico ansioso. Realmente!". (ASSIS, 1998). Neste momento, as relações digamos ideológicas estão equilibradas, e são de respeito mútuo.

Chegamos por fim à página 286, em que o padre não aceita a nova teoria proposta pelo cientista. "Com a definição atual, que é a de todos os tempos, acrescentou, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a cerca?". (ASSIS, 1998).

Simão Bacamarte sente um misto de desdém e comiseração,

"mas nenhuma palavra saiu de suas egrégias entranhas. A ciência contentou-se em estender a mão à teologia, – com tal segurança, que a teologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra. Itaguaí e o universo ficavam à beira de uma revolução." (ASSIS, 1998).

Em suma, em um crescente e irremediável desacordo, podemos dizer que a ciência, no início submissa à religião, acaba por inverter o sinal, libertando-se e se impondo.

b) Disputas políticas e o poder-saber

A atitude arbitrária do alienista ao confinar os supostos loucos na Casa Verde provoca uma rebelião em Itaguaí. Conhecidos como Canjicas – por se tratar da alcunha familiar do barbeiro Porfírio, líder da rebelião –, eles marcham contra a Casa Verde, no intuito de colocá-la abaixo. Entretanto, a atitude serena e tranquila do alienista, ao enfrentá-los, atenua o ânimo dos revoltosos, e a rebelião quase é encerrada ali, não fossem os interesses obscuros do barbeiro.

A atitude serena e tranquila do alienista é seguida de um discurso que representa, talvez, a maior demonstração de autoridade e prepotência advindas do saber científico presentes nesta história:

– Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes. (ASSIS, 1998, p. 302)

Simão Bacamarte não se permite dar satisfações a quem não detém o saber científico como ele mesmo: só aceita debater com seus pares. Como não há ninguém nesse nível em Itaguaí, ele se fecha em seu mundo de saber, sendo atendido e respeitado pelos que detêm o poder administrativo (vereadores) mas não possuem o poder do conhecimento. Ou seja, trata-se do poder do conhecimento sobre a ignorância em seu grau máximo.

Com um discurso persuasivo, ele conclama seus confrades de volta à luta, pois tem pretensões políticas na câmara da vereança:

– Meus amigos, lutemos até o fim! A salvação de Itaguaí está nas vossas mãos dignas e heroicas. Destruamos o cárcere de vossos filhos e pais, de vossas mães e irmãs, de vossos parentes e amigos, e de vós mesmos. Ou morrereis a pão e água, talvez a chicote, na masmorra daquele indigno. (ASSIS, 1998, p. 303)

O discurso obteve os efeitos desejados, reunindo em torno de Porfírio os revoltosos de ânimo renovado. O que não dura muito, pois em seguida são confrontados pela força pública. Mais uma vez, Porfírio recorre a um discurso inflamado:

– Não nos dispersaremos. Se quereis os nossos cadáveres, podeis tomá-los; mas só os cadáveres; não levareis a nossa honra, o nosso crédito, os nossos direitos, e com eles a salvação de Itaguaí. (ASSIS, 1998, p. 303)

Desta vez, porém, o resultado foi funesto. Onze mortos e vinte e cinco feridos. Entretanto, com a adesão das tropas aos revoltosos, estes partem para a câmara, que acabam destituindo. Uma vez no controle da cidade, Porfírio muda sensivelmente seu discurso. Ao se encontrar com o Dr. Bacamarte, em vez de cumprir sua promessa de derrubar a Casa Verde, ele surpreendentemente se coloca em posição de incompetência para decidir assuntos científicos e não cogita mais derrubar o alienista – em vez disso, pede apenas sua colaboração com o novo governo, soltando alguns reclusos que estivessem quase curados.

Eis uma demonstração clara do poder-saber, o saber científico como poder em ação. A maior autoridade (naquele momento) na estrutura daquela sociedade, detentor do poder coercitivo e da lei, se submete à autoridade científica, à autoridade que o saber impõe.

Percebemos que o discurso tem essa característica mutável de acordo o contexto de poder em que esteja relacionado.

O discurso não é uma entidade estável e contínua que possa ser discutida como um texto formal fixo; por ser o local da associação entre o poder e conhecimento, ele vai alterar sua forma e sua relevância dependendo de quem está falando, da posição de poder dessa pessoa e do contexto institucional em que o falante esteja situado. (FOUCAULT, 1980 apud HUTCHEON, 1991, p. 235).

Simão Bacamarte não só não atendeu à solicitação de Porfírio como ainda prendeu mais gente, inclusive apoiadores do Canjica. Tal fato desmoralizou o novo governo, que acabou destituído posteriormente por outro barbeiro, João Pina, este sendo também derrubado por forças enviadas pelo vice-rei.

A partir daí, o poder do alienista se tornou absoluto. "Tudo quanto quis, deu-se-lhe". (ASSIS, 1998, p. 312). Sua influência era suprema, total. Conseguiu que lhe entregassem mesmo o presidente da câmara (que sempre o apoiou), por ter se pronunciado com veemência vingativa contra os Canjicas.

[Foucault] afirmava que o poder é onipresente, não apenas por abranger toda a ação humana, mas também por estar constantemente sendo produzido: "é o substrato propulsor de relações de força que, em virtude de sua diversidade, produzem constantemente estados de poder" (1980 apud HUTCHEON, 1991, p. 236).

Em dado momento, o Dr. Bacamarte muda sua teoria. Arbitrariamente, percebendo que 5/4 da população de Itaguaí estava encarcerada, decide que os loucos a serem internados não seriam mais os em desequilíbrio, e sim, ao contrário, aqueles em perfeito equilíbrio mental.

Em suma, problema de regime, de política do enunciado científico. Neste nível não se trata de saber qual é o poder que age do exterior sobre a ciência, mas que efeitos de poder circulam entre os enunciados científicos; qual é seu regime interior de poder; como e por que em certos momentos ele se modifica de forma global. (FOUCAULT, 2011, p. 4).

Por que essa mudança de procedimento? Isso não importa. O que chama a atenção é que ela foi aceita pela sociedade, a começar pelas ditas autoridades (vereadores)

que mais uma vez apoiaram a arbitrariedade do cientista, embora desta vez com algumas restrições.

A passagem final do conto nos apresenta o desenlace das relações de poder analisadas até aqui. Somente o alienista, o detentor do saber, teria autoridade para definir a si mesmo como o único louco de Itaguaí. É a manifestação do poder derivado do saber científico levado às últimas consequências. Todas as características desse poder estão aqui reunidas. A produção da verdade, sua imposição à sociedade (na figura de si mesmo) e a autoridade derivada desse conhecimento são colocadas em ação no momento em que o alienista coloca-se como centro de suas próprias teoria e prática. Nas palavras de Foucault:

Há efeitos de verdade que uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje se pode dizer a sociedade mundial, produz a cada instante. Produz-se verdade. Essas produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdades, e porque essas produções de verdade têm, elas próprias, efeitos de poder que nos unem, nos atam. São essas relações verdade/poder, saber/poder que me preocupam. (FOUCAULT, 2006, p. 229).

c) A função do narrador

É interessante notar o papel do narrador nesta obra. O narrador, em 1ª pessoa, onisciente, tudo sabe e tudo vê, pois embora sempre retome os cronistas, sabe sempre o que se passa no íntimo dos personagens, seus pensamentos, anseios, emoções. Contudo, isso é secundário para nossos propósitos na análise do discurso, na investigação das relações de poder. O narrador, da primeira à última linha, coloca o protagonista em uma posição de superioridade moral e intelectual. Expressões como "grande homem", "sábio", "alto espírito" etc, sempre o colocam acima do vulgo.

Embora tal procedimento possa também ser manifestação de sarcasmo do autor em relação ao enaltecimento da ciência que se verificava no século XIX com a propagação do positivismo; assim como um mecanismo literário que visava à preparação do leitor para o clímax final (em que o personagem reúne todas as qualidades morais que o classificam como louco dentro de sua própria teoria); em nossa visão essa maneira de agir também serve, dentro do discurso, para justificar a autoridade científica que garante a prática do poder pelo alienista diante da população

de Itaguaí, podendo prender quem quisesse, a qualquer momento, pois estava acima dos outros homens, já que não há qualquer outro cientista na história, ou seja, alguém com a mesma autoridade que o alienista, alguém da mesma altura, com a mesma possibilidade de poder.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Machado de Assis nos oferece em *O Alienista* uma grande obra, repleta de camadas de interpretação. O tema escolhido por nós, as relações de poder presentes no discurso, nos fornecem vasta gama de opções, dentre as quais optamos quase que exclusivamente pelas relações entre poder e saber. A presença de um médico, um cientista detentor do saber científico que busca desesperadamente a solução para a loucura, ao mesmo tempo que pungente pelo seu final sem esperança, também representa a manifestação dos mecanismos de poder que tal conhecimento científico pode acarretar na sociedade. Daí a importância de se analisar detidamente tais estratégias, tais mecanismos, como uma forma de se compreender mais a fundo o mundo em que vivemos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. O Alienista. In: _____. **Contos**: uma antologia, vol. II. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 421 p.

CESARIO, A. C. C.; ALMEIDA, A. M. C. Discurso e ideologia: reflexões no campo do Marxismo estrutural. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 32, n. 1, p. 1-8, 2010. Disponível em <
<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/6958/6958>>. Acesso em 4 jun. 2015.

CHAUVIN, J. P. **Construção e implicações dos contrastes em 'O Alienista', de Joaquim Maria Machado de Assis**. 2001. 133 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

EAGLETON, T. **Ideologia**: uma introdução. Tradução Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: UNESP; Boitempo, 1997. 204 p.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**: Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011. 295 p.

_____. **Estratégia, Poder-Saber**. Coleção Ditos e escritos, v. IV. Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GOMES, Roberto. O alienista: loucura, poder e ciência. **Rev. Sociol. USP**, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 145-160, 1993. Disponível em <
<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84953/87681>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991. 330p.